

Renovatio Alfrediana- As intervenções culturais de Alfred, O Grande¹

Dominique Vieira Coelho dos Santos

Professor titular de História Antiga da Universidade de
Blumenau (FURB)
Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos
Antigos e Medievais (www.furb.br/labeam)
dvcsantos@furb.br

Anderson de Souza

Acadêmico do Curso de História da Universidade de Blumenau- FURB
ando.beren@gmail.com

Recebido em: 26/10/2013

Aprovado em: 03/11/2013

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as intervenções culturais que o rei Alfred, o Grande, realizou na Inglaterra Medieval e como elas foram utilizadas por Asser na constituição da narrativa de sua *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum*, que colaborou para a construção da imagem de Alfred como um rei “completo”.

Palavras chave: *Renovatio*; Renascimento; Alfred, o Grande

Abstract: This paper aims to analyze the cultural interventions King Alfred, the Great, made in Medieval England and how they were used by Asser in constituting the narrative of his *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum*, which contributed to the construction of King Alfred’s image as a “complete” king.

Keywords: *Renovatio*; Renaissance; Alfred, the Great

¹ Esta publicação é fruto das investigações oriundas do projeto de pesquisa 668/2012 “Culturas, fronteiras e identidades: repensando a Idade Média entre o Mediterrâneo e o Mar da Irlanda”, subsidiado pela FURB- Universidade de Blumenau por meio de sua Pró-Reitoria de Pesquisa.

Introdução

Não é porque algo ocorreu no passado que se torna um fato histórico. Assim, o que é lido nos livros de História é uma seleção, um recorte de determinados acontecimentos analisados sob certo ponto de vista. Henri Marrou (1975) já havia resumido esta problemática quando disse que “a História é inseparável do historiador”. Mais recentemente, o historiador italiano Carlo Ginzburg, em diálogo com Michel de Certeau e Pierre Vidal-Naquet, seguiu o mesmo raciocínio: “por um lado, a realidade existe, por outro, o historiador escreve” (GINZBURG, 2006). É por isso que autores como Roland Barthes denunciam a preferência que os historiadores têm pelo que ele chama de “efeito de real”, ou seja, apesar do fato ter apenas uma existência linguística, ele é apresentado como real (BARTHES, 1988). Advertências assim também foram feitas por Hayden White, para quem o fato histórico, mais do que descoberto, é elaborado pelos historiadores (WHITE, 2001: 56).

Sem dúvida, são críticas interessantes e que estimulam a reflexão. No entanto, é importante lembrar que, apesar de semelhanças com a arte literária, uma obra historiográfica também tem inúmeras diferenças. Quem não nos deixa esquecer isto é Estevão C. de Rezende Martins. Ele ressalta sete requisitos de verossimilhança do quais dificilmente o historiador poderia se ver dispensado: 1) o realismo mitigado; 2) a convenção metódica de controle de qualidade do conhecimento; 3) a comunidade linguística e cultural de sentido; 4) a aptidão da racionalidade humana a conhecer o passado; 5) estados de coisas do passado são reconstrutíveis; 6) crítica de fontes para a reconstrução do passado; 7) razoabilidade linguística e cultural da narrativa e da metanarrativa. “A conjunção desses fatores permite firmar verdades ou certezas relacionais”, o que colabora para afastar o “surto de incertezas” que atingiu também a História a partir da década de 70, uma “epidemia” convencionalmente chamada de “pós-modernismo” (MARTINS, 2009).

Independente do posicionamento assumido, acreditamos que dificilmente alguém conseguirá negar com sucesso que a narrativa ocupa papel central na elaboração do conhecimento histórico. Os fragmentos do passado que possuímos, caso não fossem ordenados, seriam apenas um amontoado de coisas. Luís Costa Lima nos diz que estes vestígios são caóticos e é a narrativa que estabelece uma organização temporal. É por meio dela que o irregular e acidental entram em uma ordem. O que os historiadores fazem, então, é agrupar os diversos indícios do passado que nos chegaram por meio de documentos atribuindo-lhes sentido, elaborando uma narrativa (COSTA LIMA, 1989). Esta é a mesma preocupação do historiador alemão Jörn Rüsen, que tenta compreender, na primeira parte de sua trilogia sobre a razão histórica, “como surge dos feitos a História” (RÜSEN, 2001). Assim, precisamos estudar não somente o conjunto de coisas passadas, mas também como elas têm sido representadas nos textos historiográficos. Isto significa uma análise detalhada das formas que os historiadores utilizam em suas narrativas e, como nos advertiu Norberto Luiz Guarinello (2003), elas “não são inocentes e, em alguns casos, nem totalmente inofensivas”.

Quando escrevemos recentemente sobre a construção da imagem do Rei-Guerreiro na *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum* nos encontrávamos em um estágio inicial da análise documental do *corpus* de textos referentes ao rei inglês, por isso, não conseguimos perceber que os relatos que Asser fez em sua *Vita Ælfredi* acerca das intervenções culturais de Alfred, o Grande, não são meras digressões, como afirmamos naquela ocasião (SANTOS E SOUZA, 2012). Ou seja, estes trechos não foram compostos apenas para o divertimento de seus leitores, mas são parte essencial da narrativa asseriana. Por isso, neste artigo, nosso objetivo é refletir sobre estas intervenções culturais que Alfred realizou na Inglaterra Medieval e como elas foram utilizadas por Asser na constituição de sua narrativa, que tem como intenção colaborar na construção da imagem de Alfred como um rei “completo”.

Sem dúvida, trata-se de uma problemática que diz respeito a um momento específico da história inglesa e, sobretudo, vinculada à vida de Alfred. No entanto, a partir de uma leitura sistemática da documentação e da historiografia específica da área, percebemos que esta questão está relacionada com algo muito mais complexo: a discussão sobre um possível “renascimento” cultural inglês durante o período da Heptarquia. Sabemos que “renascimento” é apenas um termo que os historiadores utilizam para escrever sobre o passado humano. É um elemento narrativo repleto de subjetividades e que aparece em diversos contextos. De igual modo, o termo também não abrange um único fenômeno, mas diversos acontecimentos que tiveram lugar em várias partes do mundo. Isto significa que as intervenções culturais realizadas por Alfred aparecem na historiografia vinculadas a outros “renascimentos”, principalmente o assim chamado “renascimento carolíngio”, e, sobretudo, ligado à nomenclatura latina, *renovatio*. Assim, antes de nos concentrarmos na análise da obra de Asser, torna-se mandatório promover uma reflexão sobre este termo histórico específico: o “renascimento”. É o que faremos a seguir.

1. *Renovatio*, Renascimento, Renascimentos

A idéia de Idade Média como um período de cerca de mil anos de escuridão e nada mais que um período intermediário é fabricada, elaborada e apresentada em um conjunto de textos. Regine Pernoud, em seu livro “*Pour en finir avec la Moyen Age*”, traduzido para o português brasileiro como: “Idade Média - o que não nos ensinaram”, combate essa ideia estereotipada de Idade Média. O título em Francês é considerado o mais adequado por muitos historiadores. Segundo a autora, o termo “Idade Média” data do Século XV. Os escritores do período medieval usavam outras formas de se referir ao seu tempo, Francisco Petrarca, em 1330, por exemplo, dividia o tempo utilizando uma forma bipartite, entendendo a diferenciação das épocas como “*Antigua*” e “*Nova*” (MOMMSEN, 1942: 226-242).

A noção tripartite do tempo, que envolve os períodos antigo, medieval e novo é introduzida por Leonardo Bruni em 1442. Esse mesmo autor também introduz o marco de 476 como o fim da idade antiga e início da Idade Média. Já para Flavio Biondo,

apesar da concordância com o sistema de divisão tripartite do tempo, o marco não era este, mas sim o ano de 410, quando é efetuado o saque de Roma pelos Godos (HAY, 1988: 35-66). Esta noção que trata o período medieval como algo intermediário, entre o antigo e o novo, inicialmente aparece com o termo “*Media Tempestas*” em 1469, posteriormente, em 1518, “*media aetas*”, e em 1531 vemos o uso de “*media tempora*”. Porém, como aponta Conrad Rudolph, só a partir de 1604 encontramos a terminação “*Medium Aevum*”, que posteriormente acaba por dar origem ao termo “medieval” na língua portuguesa (RUDOLPH, 2006: 4).

Segundo Daniel Power, as formas que usamos na historiografia para designar a Idade Média derivam das vertentes germânico-inglesa e francesa (POWER, 2006: 4). A primeira utiliza as denominações “*Früh*”, “*Hoch*” e “*Spätmittelalter*”, ou, em inglês, “*Early*”, “*High*” e “*Late*”; a segunda opta pelo uso dos termos “*Haut*” e “*Bas*” “*Moyen-Age*”. Em português: “Alta” e “Baixa” “Idade Média”. Esta segunda idéia, a forma francesa de se entender a Idade Média, é a mais comum no Brasil.

Por trás de toda esta classificação está a idéia de que a Idade Média nada mais é que um longo período intermediário que figura entre a Antiguidade e o Renascimento. Como já mencionamos no início deste tópico, Regine Pernoud esforça-se para combater o pensamento de que o período medieval seria uma época de ignorância, de subdesenvolvimento, de arte desajeitada e sem valor. Essa leitura negativa é construída durante o Renascimento do século XVI, e sua contraposição, o pensamento que coloca a Idade Média em um patamar de era dourada, aparece no romantismo do século XIX.

Hilário Franco Júnior, em sua obra “*A Idade Média - O nascimento do Ocidente*”, mostra-nos que, no século XIX, o preconceito em relação à Idade Média se inverteu. O ponto de partida pra isso foi a questão da identidade nacional, que ganhou significado com a Revolução Francesa (FRANCO JÚNIOR, 1986). Quem analisa esta contraposição entre “Idade das Trevas” e “Idade da Luz” é o historiador francês Jacques Le Goff. Em sua obra “*A civilização do Ocidente Medieval*”, ele nos lembra que a Idade Média que deve ser estudada é a que está entre a lenda negra de uma “Idade das trevas” e a dourada de uma “*belle époque*” medieval (LE GOFF, 1994).

No que diz respeito ao “Renascimento”, termo bastante utilizado na historiografia, trata-se de uma palavra relativamente recente. Segundo Teresa Aline de Queiroz, o uso do mesmo em oposição à Idade Média surge apenas no século XIX, a partir da obra de Michelet, intitulada, não por acaso, “O renascimento”. A autora afirma que o elemento principal para se caracterizar um renascimento é a ligação com a cultura clássica, e que esse fato nos leva a entender que a Europa pode ter conhecido não somente o Renascimento do século XV, mas vários outros “renascimentos” (QUEIROZ, 1995). Eugénio Garín, ao abordar a multiplicidade destes fenômenos chamados de “renascimentos”, afirma que não é difícil ilustrar uma continuidade existente entre mundo antigo, mundo medieval e mundo humanista. Para ele, “o humanismo não supôs um renascimento do mundo antigo porque este já estava vivo e presente pelo menos desde o século XII”. Garín ainda reitera sua argumentação dizendo que “a Idade Média amava os clássicos tanto como o Renascimento” (GARÍN, 1994:

93). Dessa forma, para estudarmos as intervenções culturais alfredianas entendendo-as como um renascimento, precisamos conceber “renascimento” não como um fenômeno único, mas plural e multifacetado.

Como vimos, a relação com a cultura clássica caracteriza-se como um fator determinante para a existência de um renascimento, se vamos continuar a utilizar estas formas historiográficas consagradas. Uma análise mais apurada dos documentos do período – como faremos mais adiante – pode mostrar que na corte alfrediana havia um espaço sedimentado para a cultura clássica. Uma prova disso são os textos escolhidos para o programa de tradução proposto por Alfred, o qual envolve obras como os Solilóquios de Agostinho de Hipona, “A consolação da Filosofia” de Boécio e a “Regra Pastoral” do Papa Gregório I, também conhecido, como Alfred, pelo epíteto “o Grande”.

Muitos autores, como o próprio Eugênio Garín, ao falarem sobre o renascimento propõem uma relação entre os eventos ocorridos na Itália do século XV e as intervenções culturais promovidas em tempos anteriores. Christopher Brooke (1972), ao escrever sobre os movimentos culturais do século XII, argumenta que, dentre as descobertas historiográficas do século XIX, está a de que os aspectos principais do Renascimento italiano se baseiam em obras dos séculos IX, XI, e XII. O autor aponta, inclusive, que existem traços no *Quattrocento* (forma como são chamados os fenômenos culturais do século XV na Itália) característicos do Renascimento carolíngio (séc. VIII e IX) e otónida (séc. VII). Dessa forma, vemos que o conceito Renascimento abrange não só apenas os eventos do século XVI, mas também muitos outros fenômenos.

Tais idéias e conceitos na historiografia são frequentemente revisitados, repensados, alterados, exemplo disso são as discussões das últimas décadas sobre o conceito de “Antiguidade Tardia”, que é utilizado no lugar de parte do que antes era conhecido como “Alta Idade Média”. Um autor que analisa esta questão é o historiador Gustavo Sartin. Em seu artigo “O Surgimento do conceito de ‘Antiguidade Tardia’ e a encruzilhada da historiografia atual”, encontramos uma reflexão sistemática sobre o termo. Segundo Sartin, o maior responsável pela veiculação e aceitação da noção de “Antiguidade Tardia” na historiografia foi o irlandês Peter Brown, que tratou de caracterizar os desenvolvimentos culturais peculiares desse período, mostrando que a Antiguidade Tardia teria ido muito além de apenas representar a transição entre o mundo Antigo e Medieval, mas constitui-se em um período com características próprias (SARTIN, 2009). Ou seja, se antes já tínhamos várias nomenclaturas para subdivisão do período medieval, agora o conceito de “Antiguidade Tardia” aparece como um novo complicador. É levando este complexo sistema em consideração que pretendemos compreender as intervenções culturais alfredianas. Antes, no entanto, é preciso uma breve palavra sobre o contexto histórico de produção dos documentos analisados.

2. Contexto histórico de produção da *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum*

Alfred, o Grande (849-899), foi rei de Wessex no período entre 871 e 899 da Era Comum. É tido por muitos historiadores como um dos principais unificadores da Inglaterra, que na época estava dividida em sete reinos, a chamada Heptarquia Anglo Saxã. O reino de Wessex ocupava uma posição de destaque político em relação aos outros reinos. As invasões vikings, que se iniciam com o ataque ao mosteiro de Lindisfarne em 793, dão início ao que se chama de a Era Viking. Os povos Daneses que invadem a Ilha acabam por se instalar ao norte, no território do reino de Nortúmbria, formando assim o *Danelaw*, um espaço regido por leis e *jarls* (denominação equivalente a duque ou conde) dinamarqueses. É nesse contexto que emerge a figura de Alfred, responsável por organizar as defesas do reino de Wessex contra os ataques escandinavos.

Tendo a maioria dos reinos caído sob domínio dos Nórdicos, os saxões livres da Ilha recorrem à proteção de Alfred, que estende sua autoridade aos outros reinos anglo-saxões. Alfred é muitas vezes referido como o rei dos Anglo-Saxões. Inclusive, este monarca aparece no site da monarquia inglesa como sendo o primeiro rei inglês.

A *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum* ou em português, “Vida de Alfred, Rei dos Anglo-Saxões” é um documento que narra os acontecimentos principais durante o reinado de Alfred, o Grande. É uma narrativa cronológica, tendo sua primeira parte baseada nos relatos da “Crônica Anglo-Saxônica”, em que são descritos os principais movimentos bélicos de defesa aos atacantes vikings, e a segunda parte dedica-se a uma apreciação do reinado de Alfred. Foi escrita em latim, por volta do ano 893 da Era Comum. O documento original não mais existe. O único texto sobrevivente é uma transcrição de um manuscrito do ano 1000. Esta transcrição foi guardada na coleção da biblioteca particular de Sir Robert Bruce Cotton (1571-1631). Em 1700, este, juntamente com outros manuscritos, foram doados pela família Cotton para formação de um arquivo público. Em 1731, um incêndio atingiu a coleção, destruindo vários manuscritos, dentre eles, a *Vita Ælfredi*. Após a restauração do que sobrou do incêndio, os manuscritos foram transferidos para o *British Museum*, em Londres, e se tornaram a base da coleção de manuscritos da *British Library*.

3. Análise Documental – as intervenções culturais de Alfred, O Grande.

Quando fazemos uma leitura detalhada do documento escrito por Asser, percebemos que Alfred é retratado como um rei “completo”, tanto no que tange às suas características bélicas como religiosas e culturais. O apreço do rei pelo conhecimento é enfaticamente demonstrado pelo monge galês, algo que pode ser percebido no trecho a seguir. Desde já adiantamos, todos os fragmentos aparecem em latim, acompanhados de nossa proposta de tradução para o português brasileiro:

Cui ab incunabulis ante omnia et cum omnibus praesentis vitae studiis, sapientiae desiderium cum nobilitate generis, nobilis mentis ingenium supplevit; sed, proh dolor! indigna suorum parentum et nutritorum incuria usque ad duodecimum aetatis annum, aut eo amplius, illiteratus permansit. Sed Saxonica poemata die noctuque solers auditor, relatu aliorum saepissime audiens, docibilis memoriter retinebat. In omni venatoria arte industrius venator incessabiliter laborat non in vanum; nam incomparabilis omnibus peritia et felicitate in illa arte, sicut et in ceteris omnibus Dei donis, fuit, sicut et nos saepissime vidimus. (*Vita Alfredi, Verso 22*).

Do berço, antes de tudo e de todos os estudos da sua presente vida, o desejo de sabedoria juntamente com sua descendência nobre, o que caracteriza a nobreza de sua mente. Mas infelizmente indignos foram seus pais e os responsáveis pela sua criação pela negligência de ele ter até vigésimo ano de idade, ou mais, permanecido iletrado. Mas, estudando dia e noite poemas saxões, e repetidamente e de várias maneiras os ouvindo, reteve-os podendo ensiná-los de memória. No empreendimento da toda habilidade de caça, não em vão, trabalhou incessantemente para toda incomparável perícia e felicidade nesta habilidade, de forma que nenhum outro poderia superá-lo nesta habilidade, como também em todas as outras graças de Deus, tal como nós temos visto muitas vezes. (*Vita Alfredi, Verso 22*).

Nesta passagem, percebemos que Asser não descreve apenas o desejo de Alfred pelo conhecimento, logo em sua infância, mas também justifica o tardio letramento do rei. Fica evidente a importância do letramento quando Asser se refere à negligência dos pais de Alfred como “vergonhosa”. É possível inferir a partir dessas informações que o período anterior ao reinado de Alfred seja um período de pouco espaço para a prática da leitura. Asser demonstra em várias passagens essa situação quando fala sobre a incapacidade existente na época para se aprender as “*artes liberales*”:

Sed, proh dolor! quod maxime desiderabat, liberalem scilicet artem, desiderio suo non suppetebat, eo quod, ut loquebatur, illo tempore lectores boni in toto regno Occidentalium Saxonum non erant (*Vita Alfredi, Verso 24*).

O que ele mais desejava, nomeadamente as artes liberais, não pode satisfazer o desejo, por que, como ele costumava dizer, Naquele tempo não havia bons professores por todo o reino dos saxões ocidentais. (*Vita Alfredi, Verso 24*).

Essas afirmações justificam a presença de monges estrangeiros na corte alfrediana, pois na falta de pessoas capazes de instruir o rei e seus súditos, eram chamadas pessoas, geralmente religiosas, de outros locais. Essa característica é comum em fenômenos de intervenção cultural como esta que estamos analisando. O contato com o elemento exógeno propicia a entrada de novos conhecimentos, principalmente nos campos da literatura, filosofia e religião. Este é o caso do próprio Asser, um monge galês, vindo de St. David, local onde fora ordenado, em Gales. Além de Asser, outros homens foram trazidos à corte a pedido de Alfred para sua instrução:

legatos ultra mare ad Galliam magistros acquirere direxit, indeque advocavit Grimaldum, sacerdotem et monachum, venerabilem videlicet virum, cantatorem optimum, et omni modo ecclesiasticis disciplinis et in divina scriptura eruditissimum, et omnibus bonis moribus ornatum; Iohannem quoque, aequae presbyterum et monachum, acerrimi ingenii virum, et in omnibus disciplinis literariae artis eruditissimum, et in multis aliis artibus artificiosum. (*Vita Alfredi, Verso 78*).

Mandou embaixadores através do mar para a Gália para trazer instrutores. De lá convocou Grimald, Sacerdote e monge, homem venerável, bom cantor, erudito em todo tipo de disciplina eclesiástica, nas sagradas escrituras e em todo tipo de bom comportamento e bom costume; também Iohannem, presbítero e monge, homem de raciocínio agudo, versado nos campos da literatura e em muitas outras habilidades. (*Vita Alfredi, Verso 78*).

As chamadas *artes liberales*, assim como na cultura clássica, são o conjunto de ensinamentos considerados úteis para a formação de um cidadão. Esse ideal de formação foi assumido por Alfred. Uma prova disso é a importância dada a esse tipo de educação na formação juvenil dos filhos do rei, bem como das crianças de nascimento nobre. Vejamos no exemplo abaixo um fragmento do documento escrito por Asser em que esta questão torna-se perceptível:

Aethelweard, omnibus iunior, ludis literariae disciplinae, divino consilio et admirabili regis providentia, cum omnibus pene totius regionis nobilibus infantibus et etiam multis ignobilibus, sub diligenti magistrorum cura traditus est. [...]in liberalibus artibus studiosi et ingeniosi viderentur. (*Vita Alfredi, Verso 75*).

Æthelweard, o mais jovem de todos, dado ao aprendizado da literatura, por sabedoria divina e maravilhosa providência do rei, juntamente com todas as crianças nobres daquela localidade, e também muitas de nascimento baixo, sob o cuidado diligente dos mestres [...] Eram vistas no ingenioso estudo das artes liberais. (*Vita Alfredi, Verso 75*).

Ou seja, havia interesse por parte do rei, de que os jovens saxões fossem treinados de acordo com esses preceitos educacionais, semelhantes aos preceitos da Antiguidade Clássica. Esse fator é de grande importância para que possamos caracterizar as intervenções culturais propostas por Alfred como um “renascimento”. O próprio rei era um leitor assíduo: “Saxonicos libros recitare/Lendo livros saxônicos em voz alta” (*Vita Alfredi, Verso 76*). E, posteriormente de Latin, fazendo inclusive a tradução desta para a língua vernácula. O leitor poderá observar esta relação do rei Alfred com as letras no fragmento documental apresentado logo a seguir:

Eodem quoque anno saepe memoratus Aelfred, Angulsaxonum rex, divino instinctu legere et interpretari simul uno eodemque die primitus inchoavit. (*Vita Alfredi, Verso 87*).

Neste mesmo ano, Alfred, já muitas vezes mencionado, rei dos anglo-saxões, por divina instrução começou a ler [Latim] e também no mesmo dia a traduzir. (*Vita Alfredi, Verso 87*).

Esse aspecto da imagem de Alfred é representado por Asser em inúmeras passagens, que mostram a importância dada pelo narrador da obra às virtudes intelectuais associadas ao bom governo. A questão linguística aparece muitas vezes como um fator cultural de extrema importância. Sem dúvida, a difusão de textos de autores clássicos em idioma anglo-saxão na Ilha da Britânia proporcionou grande incentivo às práticas de leitura e debates sobre essas ideias até então desconhecidas na sociedade anglo-saxã. Alfred é um rei guerreiro, porém, não somente isso. Seu bom governo está associado tanto à capacidade de defender os territórios Anglo-Saxões da invasão escandinava, quanto de gerenciar o reino em aspectos culturais. Esses aspectos, do modo como são retratados pela documentação do período, são fundamentais na construção de uma identidade Anglo-Saxã. Uma prova da importância deles para o bom governo é a forma como Alfred pede aos seus *ealdormans*, *Reeves* e *thegns*, que aprendam a ler, para que efetuem julgamentos mais adequados a partir da sabedoria. Asser aborda a questão da seguinte maneira:

Nimum admiror vestram hanc insolentiam, eo quod, Dei dono et meo, sapientium ministerium et gradus usurpastis, sapientiae autem studium et operam neglexistis. Quapropter aut terrenarum potestatum ministeria, quae habetis, illico dimittatis, aut sapientiae studiis multo devotius docere ut studeatis, imperio. (*Vita Alfredi, Verso 106*)

Eu me admiro muito com a sua insolência, pois, pela graça de Deus e da minha, vocês tem atuado nos ministérios de homens sábios, mas a atenção ao estudo da sabedoria foi negligenciada. Por esse motivo, terão que sair imediatamente dos ministérios terrenos que vocês possuem, ou esforcem-se devotamente no estudo da autoridade pela sabedoria. (*Vita Alfredi, Verso 106*).

Essas nomenclaturas são os termos anglo-saxões usados para designar uma espécie de conde ou duque. A passagem acima mostra que era do interesse de Alfred que esses homens pudessem ler suas leis, que foram escritas por volta de 880-890 da Era Comum, e expressavam um pouco da visão política e social do rei perante o reino. Aqui podemos ver que Alfred trata como insolência o fato de esses homens não terem dado atenção ao estudo da sabedoria. Ele demonstra com muita ênfase a associação que faz entre o bom governo e a sabedoria. Esse tipo de pensamento vindo do rei dos anglo-saxões emite uma severa influência no modo de pensar a questão política anglo-saxã, pois até então o aceitável era que um homem encarregado de um cargo de poder pudesse ser também alguém iletrado, isto, contudo, passa a ser inaceitável para o rei.

A intervenções culturais de Alfred podem ser relacionadas às empreendidas por Carlos Magno, no sentido de muitos elementos que as permeiam serem similares.

Richard Abels nos mostra que é possível relacionarmos a escrita da *Vita Alfredi* com a *Vita Caroli Magni*, narrativa biográfica da vida de Carlos Magno, escrita pelo monge Einhardus (770-840) (ABELS, 2005). Esta relação de Alfred com a corte Carolíngia pode ser vista no documento, no trecho em que Alfred e seu pai Aethelwulf passam pela corte de Carlos, o Calvo, ao retornarem de viagem a Roma: “Quo peracto, ad patriam suam remeavit, adferens secum Iuthittam, Karoli, Francorum regis, filiam/Depois disso, ele voltou para sua terra natal, trazendo com ele Judith, filha de Carlos (o Calvo), rei dos Francos.” (*Vita Alfredi, Verso 11*). Dessa forma, vemos que a menção a esse acontecimento, mesmo se tratando de um fato ocorrido muito antes do reinado de Alfred, mostra-nos que a relação da corte Alfrediana com outros reinos existiu e era tida como importante, tanto que foi contemplada na documentação.

Considerações finais

Após as discussões apresentadas, tanto sobre a questão dos renascimentos como as representações de Alfred, o Grande, contidas na documentação, podemos afirmar que as intervenções culturais aplicadas por este, que é considerado o primeiro rei dos ingleses, nos reinos anglo-saxões sob sua autoridade podem ser entendidas como um “renascimento” cultural nos moldes de outros renascimentos (como o Carolíngio e o Ottônida). Porém, devemos tomar o cuidado de relacioná-los não apenas por suas semelhanças, pois eles também pertencem a contextos culturais diferentes, e que precisam ser estudados de forma mais detalhada.

Não é nosso objetivo inferir sobre o caráter propagandístico da narrativa de Asser, mas a partir de uma análise intertextual da obra, é possível afirmar que esta foi escrita não somente para anglo-saxões, mas também para que outros povos conhecessem detalhes do reinado de Alfred, tal como Asser os representa.

O monge apresenta várias características de Alfred que podem representá-lo como um bom governante, e sem dúvida, as características escolhidas por Asser que fazem referência às intervenções culturais empreendidas por Alfred estão intimamente ligadas à capacidade de liderança dos povos anglo-saxões. Juntamente com outros pontos – como a capacidade bélica do rei e sua devoção religiosa – as intervenções culturais compõem o que podemos chamar de *imago alfredi*, uma conjuntura imagética sobre o reinado de Alfred, o Grande. Dessa forma, sem a análise desse aspecto da narrativa, a imagem desse monarca, tal qual o monge Asser pretendeu elaborar, não estaria completa.

Referências Bibliográficas

Documentação:

- ASSERIUS. *De Rebus Gestis Aelfredi*. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/>. Acessado em 25/10/2013.
- KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. *Alfred the Great: Asser's Life of King Alfred and other contemporary sources*. London: Penguin Books, 2004.

Obras gerais:

- ABELS, Richard. *Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England*. New York: Longman, 2005
- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BROOKE, Christopher. *O renascimento do Século XII*. Lisboa: Verbo, 1972.
- BRUNI, Leonardo. *History of the Florentine people*. v. 1, Books 1–4. Tradução para língua inglesa de HANKINS, James. Harvard: Harvard University Press, 2001
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GARÍN, Eugénio. *Idade Média e Renascimento*. Editorial Estampa. Lisboa, 1994
- GINZBURG, CARLO. O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GUARINELLO, Norberto. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. *Politeia: hist. e soc.* Vitória da Conquista, Vol. 3, nº 1, pp. 41-61, 2003.
- HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008.
- HAY, Denis. *Renaissance Essays*. London: The Hambledon Press, 1988
- HAYDEN WHITE. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 2001
- LUÍS COSTA LIMA. *A Aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- MARROU, Henri-Iréné. A história é inseparável do historiador. In: *Do conhecimento histórico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. Três polémicas com Hayden White. *Revista de Teoria da História*. Goiânia, Ano 2, Nº 5. Junho, 2011.
- MAZZOTTA, Giuseppe. *The worlds of Petrarch*. Durham and London: Duke University Press, 1993.
- MOMMSEN, Theodore. Petrarch's Conception of the 'Dark Ages'. *Speculum*, v. 17, n. 2, pp. 226–242, apr., 1942.
- POWER, Daniel. *The Central Middle Ages: Europe 950–1320* (Short Oxford History of Europe). New York: Oxford University Press, 2006.
- PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir,

1994.

- RUDOLPH, Conrad. *A companion to Medieval art: Romanesque and Gothic in Northern Europe*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006
- SANTOS, Dulce Oliveira A. Caminhos e atalhos da historiografia sobre as mulheres medievais. *História Revista (UFG)*, Goiânia, v. 2, n.2, pp. 69-78, 1996.
- SANTOS, Dominique. SOUZA, Anderson. Ælfred Venerabilis Rex: A construção da imagem do Rei-Guerreiro na Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum. *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo* 2012, Volume 1, Número 2, pp. 66-79. Disponível em - http://media.wix.com/ugd/3fdd18_2f24c2c5851a8384b1f8bac878d6c032.pdf?dn=Artigo%2B-%2BAnderson%2Be%2BDominique.pdf. Acesso em 25/10/13.
- SARTÍN, Gustavo. O surgimento do conceito de “Antiguidade Tardia” e a encruzilhada da historiografia atual. *Brathair*. São Luís, v. 9 (2), 2009, pp. 15-40. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/491/410>. Acesso em 25/10/13.